

**EM TEMPOS DE CALAR O DESPERTAR DO GIGANTE:
UM DIPLOMATA ESTADUNIDENSE E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO
BRASIL NO AUGEDA DITADURA MILITAR**

Fabício de Sousa Morais*

A nação brasileira começa a ser construída, como na maioria dos países ocidentais, ainda no século XIX. Foi erigida sob a tutela dum monarca, tornando-se uma “planta exótica” que, segundo seus vizinhos, era preciso ser extirpada para completar a uniformidade do continente. Tenho em mente que essa famosa metáfora de Joaquim Nabuco (cf. 1899, p. 43) – que faz alusão ao modelo de governo adotado pelo país – diz muita coisa sobre as relações do Brasil com as demais nações da América. Diz que, desde o início do período imperial, o clima entre essas nações não era dos mais amistosos e que as diferenças são mais significativas do que as semelhanças existentes.

Tomo como ponto de partida para este trabalho essa ideia de Nabuco para discutir as relações do Brasil com as outras “plantas” que floresceram na América, mais especificamente com aquela que se tornou o espécime melhor adaptado às condições do continente, os Estados Unidos da América.

O recorte temporal está intrinsicamente ligado ao Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972), que foi um evento cívico realizado durante o Regime Militar (1964-1985), mais especificamente, no período governado pelo Gal. Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Esse momento foi tomado pelo Estado como um acontecimento chave para divulgar determinada imagem da nação dentro e fora das fronteiras do país. Nas páginas seguintes, busco expor o modo como o diplomata Philip Raine, no seu livro *Brazil: Awakening giant* (1974), reflete sobre a sociedade brasileira daquele período.

Percurso Historiográfico

Esse texto nasceu da tentativa de solucionar um problema metodológico gerado pelo cerceamento das liberdades imposto pela ditadura militar, especialmente após o endurecimento do regime, em 1968. A questão que me assolava era: como encontrar fontes que não estivessem marcadas pelo peso do AI-5, que conseguissem fugir da quase obrigatoriedade de relatar a versão oficial dos acontecimentos? Considerando, ao mesmo tempo, uma conjuntura envolta no espírito cívico das comemorações dos 150 anos da Independência.

* Aluno do doutorado do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fabriciomorais@gmail.com.

Na tentativa de responder a essa inquietante questão, senti-me impelido a extrapolar as fronteiras nacionais e buscar fontes e, conseqüentemente, algumas respostas na documentação produzida sobre o Brasil em outros países. Foi assim que voltei minha atenção para os EUA, a nação mais poderosa do planeta, que, em época de Guerra Fria (1945-1991), tinha o interesse de evitar que o inimigo vermelho, o comunismo, se espalhasse pelo continente que considera seu.

A minha primeira procura foi junto às obras dos brasilianistas. Procurei por autores que tivessem escrito sobre o Brasil durante os anos de chumbo e que também tivessem vivenciado os dias da ditadura militar. Foi a partir desses parâmetros de busca que me deparei com o livro *Brazil: awakening giant* (1974), escrito por Philip Raine.

Raine foi Assessor de Relações Públicas do Gabinete de Assuntos Interamericanos do Departamento de Estado, desde janeiro de 1952 (como está dito no *Office of the historian* do governo estadunidense). Teve como ponto de partida para o seu livro o tempo que viveu no Brasil, foram alguns períodos, divididos por ele mesmo em três: 1932, 1955-1962 e 1965-1967. Nesses anos nos trópicos, ocupou alguns cargos na diplomacia: foi conselheiro político da Embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro; esteve em Brasília, no ano da sua fundação, como diretor-responsável do Gabinete da Embaixada; e também foi, no último período citado, encarregado de negócios interino da Embaixada brasileira.

Raine, é preciso dizer, não me parece ter sido uma figura de destaque no cenário diplomático daquele período. Essa afirmação toma como base as escassas informações conseguidas sobre sua atuação no Brasil ou em algum outro país.¹ Mesmo no site do *Office of Historian*, as informações se limitam a descrição da sua função e de alguns poucos documentos de sua autoria.

A opção por esse tipo de fonte pode parecer obtusa. Afinal, é apenas mais um livro perdido em uma estante qualquer, que não teve grande repercussão à época de seu lançamento e que representa certa visão de mundo, condicionada a uma época e a um lugar social. Porém, creio que uma obra individual pode ser tomada como uma representação de uma dada sociedade. Essa abordagem busca fugir da oposição, bastante comum por sinal, entre o indivíduo e a sociedade e se aproxima da profícua ideia de uma “sociedade de indivíduos”, em que essa distinção não pode ser pensada como dada, como a-histórica (cf. ELIAS, 1994 B, p. 129-134). Na sua vasta obra, Norbert Elias estudou a relação entre o eu e o nós, entre o indivíduo e a sociedade, se preocupando com a interdependência entre eles e a sua configuração. Vejamos nas suas palavras:



A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela de "personalidade aberta", que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. Este o motivo por que, conforme afirmado antes, não é particularmente frutífero conceber os homens a imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si. Vista deste ponto de vista básico, desaparece a cisão na visão tradicional do homem. O conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocadamente o que chamamos de "sociedade" que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um "sistema" ou "totalidade" para além dos indivíduos, mas a rede de interdependência por eles formada (ELIAS, 1994 A, p. 249).

A citação explícita conceitos que serão muito caros para a minha análise, destaco a seguinte formulação: a ideia de que a sociedade deve ser entendida como uma sociedade de indivíduos formados na configuração de maneira interdependente.² Por isso, *Awakening giant* não é apenas um relato individual sobre os diferentes aspectos do Brasil, mas é também fruto de uma configuração social complexa – os Estados Unidos da América que vivenciava o clima da Guerra Fria –, construída na interdependência entre o autor e outros indivíduos. Por outro lado, essa obra me fornece elementos para entender a configuração brasileira daquele período pelo, digamos assim, lado de fora, pelo olhar do outro que descreve/compara/analisa a partir do seu lugar social uma nação distinta da sua, sem deixar de levar em conta a sua nacionalidade. Dessa forma, abre-se um caminho para pensar as festividades do Sesquicentenário da Independência e a sua conjuntura.

Sabemos que a data de produção de uma obra diz muito sobre ela, o tempo é uma marca indelével nos escritos de qualquer sujeito. É justamente a data de publicação do livro, 1974, um dos pontos que chamou minha atenção, já que este ano está bem próximo do ano chave para a minha pesquisa (1972). Essa é uma característica de *Awakening giant* que merece ser destacada, haja vista que, nas obras históricas de cunho mais conservador, a distância temporal entre a data de produção e o período retratado é um requisito quase que fundamental para a qualidade da obra, algo que é ignorado por Raine quando trata dos dias do governo Médici, narrando, entre vários temas, a visita do governante brasileiro ao presidente Nixon em dezembro de 1971.

O livro encontra-se dividido em oito capítulos que traçam um panorama da nação brasileira. Não é minha intenção discutir minuciosamente cada um desses capítulos. Por esse motivo, divido a minha apreciação em duas partes: a primeira trata do prefácio do livro, escrito por Lincoln Gordon; e a segunda analisa alguns dos pontos que considero relevantes da escrita de Raine.

O gigante e o Embaixador

Se Raine pode ser descrito com um coadjuvante no jogo da política internacional, o mesmo não pode ser dito do responsável pelo prefácio do seu livro, Lincoln Gordon. Gordon atuou como Embaixador no Brasil entre os anos de 1961-1966. Foi um dos principais responsáveis pela *Operação Brother Sam*, que visava a dar apoio militar às forças golpistas em 1964, caso houvesse resistência por parte de Goulart e dos seus aliados. Já no dia 2 de Abril de 1964, um dia após o golpe, agiu junto ao presidente dos EUA, Lyndon Johnson, para que reconhecesse o governo provisório instalado no Brasil, comandado pelo presidente da Câmara dos Deputados Raniere Mazzilli (cf. GREEN, 2009, p. 45).

Uma vez que tenho interesse em mostrar um pouco da complexidade dos sujeitos históricos, acrescento a informação que Gordon foi um dos signatários de um documento, datado de 1969, que contava com o apoio de vários intelectuais estadunidenses, contra a aposentadoria forçada de professores universitários brasileiros (cf. FICO, 2008, p. 263), se colocando, mesmo que apenas com o nome, contra uma decisão do regime que ajudou a implantar. Ainda assim, a caracterização mais usual desse “verdadeiro soldado da Guerra Fria” (SKIDMORE citado por GREEN, 2009, p. 48) é a de um eterno defensor do golpe (cf. GREEN; JONES, p. 83-86, 2009).

O prefácio é bem curto (apenas duas páginas e meia), contudo traz uma interessante maneira de perceber a nação brasileira. Logo no parágrafo de abertura Gordon (1974, p. V) nos diz como enxerga o Brasil daqueles dias:

Entre as nações mais populosas comumente classificadas como “países menos desenvolvidos”, o Brasil é, provavelmente, o que surgirá, em pouco tempo, com plena participação no “Primeiro Mundo” – o mundo do mercado aberto, das sociedades industrializadas e orientadas para o consumidor, cujas economias são cada vez mais interdependentes. A metamorfose brasileira começou na década de 1930, fez uma pausa no início dos anos 1960; mas ganhou impulso prodigioso durante os últimos cinco anos. Essa transformação move o país para frente, a influência brasileira está crescendo na arena internacional, não só na América Latina e no Hemisfério Ocidental, mas também nas Nações Unidas e nas múltiplas organizações envolvidas com o comércio, finanças, meio ambiente e outras questões globais. Em suma, o Brasil merece, e está recebendo, um aumento do interesse e da atenção do mundo para além das suas fronteiras. [*Among the more populous nations*



commonly classified as “less developed countries”, Brazil is the most likely to emerge in short order into full participation in the “First World”- the world of open market, industrialized and consumer-oriented societies whose economies are increasingly interdependent. The Brazilian metamorphosis began in the 1930's, paused in the early 1960's; but has gathered prodigious momentum during the last five years. As this transformation moves forward, Brazilian influence is growing in the international arena, not only in Latin America and the Western Hemisphere, but also in the United Nations and the multiple organizations concerned with trade, finance, environment, and other global issues. In short, Brazil deserves, and is receiving, increasing interest and attention from the world beyond her borders].³

Temos um retrato de uma nação prodigiosa, que passou por alguns percalços, é nítido, mas que, nos últimos anos, anda de vento em popa e logo será um país de primeiro mundo. Esses vaticínios de Gordon se encaixam com a versão oficial da ditadura brasileira, que apregoava naqueles dias, a ideia do gigante que está prestes a despertar, coadunando, dessa forma, com a ideia de Raine que vem expressa desde o título do livro.

Gordon também reforça alguns estereótipos do povo brasileiro, ao dizer que “o espírito de tolerância [e] não-violência é tradicional no Brasil” (Citado por FICO, 2008, p. 43). No prefácio ora analisado, ele se aprofunda um pouco mais ao dizer que temos “... uma criativa vida cultural; características de tolerância pessoal e racial; capacidade de adaptação e um senso de humor que qualquer sociedade poderia ter inveja; e um senso crescente de intenção nacionalista” [... *a creative cultural life; traits of personal and racial tolerance, adaptive capacity, and sense of humor which any society might justly envy; and a growing sense of national purposiveness*] (GORDON, 1974, p. V). Para terminar essa seção de elogios, ele alerta aos prováveis visitantes incautos: “... ele pode facilmente cair de amores pelo país. Sua visão romântica pode persuadi-lo de que os recursos do Brasil e as suas perspectivas são totalmente sem limites, que este é o El Dorado e a nova superpotência mundial do século XXI” [... *he can easily fall in love with the country. His romantic vision may persuade him that Brazil's resources and prospects are utterly without limit, that this is the El Dorado and new world super-power of the twenty-first century*] (GORDON, 1974, p. VI).

Ao continuar suas ponderações, ainda encontra espaço para apontar os problemas que impedem a completa modernização do Brasil, que podem ser resumidos da seguinte maneira: a grande pobreza do Nordeste que leva os camponeses a migrarem para as favelas nas grandes cidades; os problemas de habitação e infraestrutura; a inerte e gigantesca burocracia; e o crescimento econômico dependente da economia estrangeira (cf. GORDON, 1974, p. VI).

Próximo do final, afirma que o regime autoritário caminha para uma liberalização e redemocratização, e que esse novo momento democrático não será elitista como foi o período

1945-1964. O problema, detectado pelo próprio Gordon, é que esse caminho ainda não podia ser visto (GORDON, 1974, p. VII). Se não existem ações concretas no sentido de mudar o direcionamento do governo, o que Gordon afirma não é nada mais do que uma simples expressão de opinião, uma vontade, um exercício de futurologia e não uma análise social.

No último parágrafo é feito um pedido, um clamor para que os leitores não creiam na harmonia automática entre Washington e Brasília e que os EUA não podem negligenciar suas relações com a América Latina, em geral, e com o Brasil, em particular.

Esse prefácio se encaixa perfeitamente com as ideias contidas no livro de Raine, temos o esboço de uma forma de compreender a nação brasileira que remete a um país de enorme potencial, porém a realização dessa virtual grandeza não aparece no horizonte.

Grande hoje e maior amanhã

Na breve introdução de *Awakening giant*, as duas primeiras frases podem ser lidas como responsáveis pelo estabelecimento dos marcos temporais. Logo na primeira lê-se: “o Brasil hoje é a pedra angular da política dos Unidos Estados no hemisfério” [*Brazil todayisthekeystoneof United Stateshemispherepolicy*]. A frase busca criar, na cabeça do leitor, uma imagem de centralidade do Brasil na política externa dos EUA, uma afirmação bastante contestável. Em seguida arremata: “Amanhã pode ser o campo de provas da sua política mundial” [*Tomorrow it maybetheprovinggroundof its world policy*] (RAINE, 1974, p. VIII). A importância do Brasil no contexto mundial de um futuro impreciso parece ser uma formulação recorrente daquela conjuntura histórica, Raine parece não fugir desse lugar comum.

Nos parágrafos seguintes são feitas algumas considerações sobre o estado atual do Brasil. A narrativa preocupa-se em evidenciar o crescimento do país, “após quase 500 anos de isolamento e sonolência” [...*afternearly 500 yearsof isolationandsomnolence*] (RAINE, 1974, p. VIII). Nas primeiras páginas do livro, transparece a nítida preocupação do autor em evidenciar a importância do seu trabalho frente às outras obras que tratam da complexa tarefa de explicar uma nação tão singular quanto a nossa para os EUA. Raine reclama do foco estreito dessas obras, que impedem a compreensão da nação como um todo e, conseqüentemente, traça um objetivo diferente para seu livro. Nas suas palavras:

Meu livro tenta dar uma imagem arredondada do povo brasileiro em termos de como eles veem a si mesmos, o resto do mundo e quais são suas motivações. Ver o Brasil apenas com olhar pró-ocidente seria perder o significado de um novo modo de vida, que adaptou as maneiras ocidentais para se ajustar a um ambiente tropical [*My book tries to give a roundedpictureoftheBrazilianpeople in*



terms of how they see themselves and the rest of the world and what motivates them. To see Brazil solely through western-oriented eyes would be to miss the significance of a new way of life which has adapted western ways to fit a tropical environment] (RAINE, 1974, p. VIII).

A narrativa de Raine é centrada nos aspectos políticos, sobrando algum espaço para falar da economia e da organização social do país. Por essa escolha metodológica, praticamente, não existem informações sobre a produção artística brasileira de nenhum período, algo que provavelmente chamaria a atenção dos eventuais leitores. A justificativa para essa lacuna é dada a partir da falta de espaço no livro, já que as temáticas culturais necessitariam de um volume exclusivo (cf. RAINE, 1974, p. IX).

Desse modo, a “imagem arredondada” parece prescindir da cultura. Praticamente não existem referências às manifestações dessa natureza, nem o exotismo dos costumes brasileiros em relação aos olhos estrangeiros é abordado. A única passagem que considero significativa é quando ele faz uma rápida alusão aos usos que a ditadura fez da música e do teatro para influenciar a opinião pública. Afirmação que é emendada pela menção ao sucesso da marchinha de carnaval **Me dá um dinheiro aí** (composta pelos irmãos Glauco, Homero e Ivan Ferreira, no final dos anos 1950), que foi cantada durante a visita do presidente Dwight Eisenhower ao Brasil (1960) e teve uso político ao servir de fomento à campanha do presidente Juscelino Kubistchek, que visava a pedir auxílio econômico ao colega do norte (cf. RAINE, 1974, p. 150).

O que mais me chamou a atenção nessa passagem foi à maneira encontrada por Raine para traduzir o título da marchinha. Ele optou pela seguinte formulação: *Canyou spare some money* (Você pode poupar algum dinheiro). A frase é precedida pelo advérbio *roughly* (grosseiramente), apontando para a possível imprecisão da tradução. Dentre as possíveis interpretações para esse distanciamento entre a versão original – que remete às galhofas típicas do período carnavalesco – e a versão em língua inglesa no livro – mais séria, carregada por um tom mais racional – existe um universo cultural enorme que se perdeu na tradução. Isso, se não levarmos em conta que tudo não passa de um erro “grosseiro” do autor.

O livro também se debruça, de maneira específica, sobre as relações entre o Brasil e os EUA. Estas são abordadas no tópico *The United States and Brazil* (Os Estados Unidos e o Brasil, p. 199-203). Nessas páginas existe a preocupação em narrar desde o primeiro contato entre os dois países, que é um episódio ocorrido em Paris, no ano 1787, quando um estudante brasileiro pede a Thomas Jefferson, futuro presidente dos EUA e ministro naquele país, que apoie um grupo republicano brasileiro na empreitada de fazer a independência. O relato se

estende até os dias do golpe militar, contando como esse é um momento de reaproximação entre as duas nações.

O ponto alto desse tópico é quando Raine (cf. 1974, p. 202), destoando do estilo do restante do livro, pontua, na forma de lista e com marcadores, como as mudanças pelas quais o Brasil vem passando afetam os EUA. Em síntese, os pontos elencados por ele discorrem sobre a menor dependência do Brasil perante seu país, a consequente aproximação brasileira com as nações hispano-americanas, atenta para a dificuldade de influenciar os governos militares – menos afeitos as influências civis –, termina relatando o papel do Brasil como porta-voz do mundo em desenvolvimento e que essa posição causará transtornos aos interesses dos EUA.

Logo em seguida, provavelmente para não alarmar os leitores, formula outra lista que revela os fatores que manterão o Brasil coadunando com os interesses estadunidenses. Destaca as relações econômicas e o papel do EUA como comprador de produtos brasileiros, especialmente o café, que tem 80% de sua safra comprada pelo seu país. Atenta também para o fato de “o Brasil ainda precisar, desesperadamente, de ajuda econômica quer sob o programa Aliança o Progresso ou na forma de preferências comerciais” [*Brazil still sorely need economic assistance whether under the Alliance for Progress program or in the form of trade preferences*](RAINE, 1974, p. 202).

Na esfera política, atenta para as relações entre os governos, com ênfase na maneira dos militares brasileiros governarem e os laços históricos desses com os militares dos EUA. Também destaca que a parte mais tradicional da sociedade brasileira continua a nutrir sentimentos de simpatia pelo modelo de sociedade estadunidense. Contudo, o argumento mais forte se relaciona diretamente a conjuntura vivenciada naqueles dias, narrado da seguinte maneira:

Enquanto o controle militar do governo continuar, ele será fortemente influenciado pelo fato de que os Estados Unidos continuam a ser o líder do mundo anticomunista. A necessidade de equipamentos e treinamento contra a guerrilha e outras subversões internas, irão também requerer moderação para lidar com questões que afetam os Estados Unidos [*Solong as military control of the government continues, it will be strongly influenced by the fact that the United States continues to be the leader of the anti-Communist world. The need for equipment and training against guerrilla and other internal subversion will also counsel moderation in dealing with matters affecting the United States*](RAINE, 1974, p. 203).

A minha leitura dessa citação segue a linha de pensamento proposta por Rodrigo Patto Sá Motta (2006, p. 11), para quem “... o anticomunismo teve maior importância nos eventos de 1964 do que normalmente se aceita”. No seu texto é remontado o trajeto do anticomunismo militar, para tanto o ano de 1935 é estabelecido como o marco desse



movimento, mais especificamente, o levante comunista ocorrido no mês de novembro. Esse acontecimento foi apropriado pelas forças conservadoras, especialmente militares, que trabalharam bastante para construir uma determinada memória sobre o levante, que enaltecia as forças legalistas e demonizava os insurgentes. Ele mostra o processo de conversão do anticomunismo em um conceito fundamental para a conjuntura de disputas pelo poder no início dos anos 1960 e o efeito de verdade que o discurso do “medo vermelho” produziu em boa parte da população. Mais uma vez o temor, típico dos anos da Guerra Fria, encontra espaço para agir além do seu eixo central.

O livro de Raine aborda um período ligeiramente posterior aos estudos de Motta, mesmo assim apresenta, de maneira semelhante, o anticomunismo como um importante fator de legitimidade do poder dos militares e, no cenário externo, aparece como um dos eixos que norteiam a relação entre o Brasil e os EUA. Por outro lado, diferentemente de Motta, *Awakening giant* não aponta para o comunismo como um inimigo construído a partir dos usos que as diferentes forças sociais fazem do passado. No livro é perceptível o maniqueísmo entre as forças progressistas – notadamente identificadas como os militares que comandam o projeto de tornar o Brasil uma grande nação – e as forças que lutam contra esse projeto, denominados de terroristas – que têm uma configuração social mais difusa, porém são identificadas, genericamente, com os estudantes urbanos.

Marcelo Ridenti (2010, p. 120), ao analisar os grupos guerrilheiros urbanos e sua inserção na sociedade brasileira (1964-1974), se debruça, entre outros inúmeros subtemas, sobre como “a origem estudantil dos militantes e simpatizantes foi amplamente majoritária nos grupos de esquerda armada”. Desde 1967 a organização estudantil havia sido proibida, tanto no âmbito federal quanto no estadual. No ano de 1968, as ações estudantis de massa chegam ao seu ápice com a Passeata dos Cem Mil (Junho), porém com a invasão da UNB (agosto) e a prisão de centenas de estudantes que participavam do XXX Congresso da UNE (outubro), acontece uma retração do movimento estudantil e parte desses jovens “entraram em outra dinâmica, a da militância clandestina em grupos de esquerda, tomada por eles como o caminho para a ruptura com o caráter e os limites pequeno-burgueses do movimento estudantil” (RIDENTI, 2010, p. 135-136). Eles acreditavam que essa forma de luta poderia “abrir os olhos” da nação para as mazelas da ditadura, trazendo a população para a luta e conseguir, com isso, dar os primeiros passos do processo revolucionário brasileiro. Raine, mantendo a sua linha de interpretação, toma o caminho apontado pelo Estado, o da criminalização dessa luta, interpretando o projeto guerrilheiro revolucionário como ações terroristas.

A ideia de progresso ocupa um lugar central na narrativa de Raine, é ela quem norteia suas análises sobre a sociedade brasileira. Seu argumento é construído com o intuito de legitimar as ações do governo brasileiro no presente em que o livro foi escrito. Um questionamento, feito ainda na introdução, dá a dimensão da importância dessa ideia: “Quem poderia esperar que uma sociedade, profundamente ligada ao passado, pudesse se transformar em uma potência moderna sem dor?” [*Who could expect that a society deeply attached to the past could be transformed into a modern power without pain?*] (RAINE, 1974, p. IX). Deve ficar claro que a dor não é advinda dos traumas causados pelo golpe de 1964 – nomeado pelo autor de Revolução – e sim provém do peso desse passado que afastou o Brasil de cumprir o seu destino manifesto.⁴

Raine (1974, p. IX) tem uma visão estática do passado, sua concepção histórica é que “... o velho deve ser conhecido a fim de medir o novo para conhecer a sua durabilidade provável.” [*...the old must be known in order to measure the new for its probable durability*] Não existe, como é próprio de grande parte da historiografia contemporânea, a ideia de que o passado é sempre resignificado pelo presente. Essa maneira de compreender a história, com o passado estático e com todas as ações do presente visando contemplar o futuro, se faz presente em todo o livro. Um bom exemplo dessa continuidade é no desfecho da obra, quando o autor vai um pouco mais longe e chega a datar quando os problemas do Brasil se resolverão:

O Brasil está bem no seu caminho para a industrialização, e para um estado de bem-estar, essa é uma consequência visível do processo de modernização. Os especialistas brasileiros acreditam que uma economia de consumo de massa será possível até o ano de 2000. Exceto a ocorrência de desastres nacionais, o Brasil como uma favela tropical é altamente improvável. Seu futuro mais provável parece ser o de uma nação industrial moderna, com uma combinação da geografia, cultura e herança social que lhe confere um caráter único e um papel crescente em um mundo muito acostumado à liderança da zona temperada e dos países mais frios. O Brasil será a primeira grande nação mundial tropical dos tempos modernos. [*Brazil is well on its way to industrialization, and a welfare state, an outgrowth of the modernizing process, is within view. To believe Brazilian experts, a mass consumption economy will be possible by the year 2000. Barring national disasters, Brazil as a tropical slum is highly improbable. Its future seems most likely to be that of a modern industrial nation, with a combination of geography, culture, and social heritage that gives it a unique character and an increasing role in a world long accustomed to leadership from temperate-zone and colder countries. Brazil will thus become the world's first great tropical nation of modern times*] (RAINE, 1974, p. 250).

A perspectiva de futuro anunciada nessa passagem não é nada acalentadora. O caminho mais próspero que Raine conseguiu vislumbrar para o Brasil foi o de realização do sonho capitalista, convertendo uma configuração social bastante singular, como ele mesmo atesta, em uma sociedade assemelhada à sua. Não devemos esquecer que essa transmutação

terá a sua realização no cabalístico ano 2000, um momento no qual as esperanças se renovam junto com a proximidade do novo milênio. A partir das ideias de Jacques Le Goff,⁵ é possível traçar um contraponto e perceber como, em um momento delicado da história da nação brasileira, os problemas são resolvidos, segundo Raine, com o passar do tempo, como se o fim de um milênio e o início de outro fosse como uma mudança de página, quando se deixa a folha anterior, com as pautas lotadas para trás, e se começa uma nova redação, que em nada se parece com a antiga.

Analisar o Brasil dessa forma mata a ideia do tempo histórico como duração, jogando sempre para o futuro, datado ou não, as resoluções dos problemas enfrentados pela comunidade nacional. Por isso, é importante frisar que, diferente da ideia defendida por Raine há quase quarenta anos atrás, não existe uma data mágica que apaga as páginas do passado. Não esquecendo que as mudanças devem ser efetuadas no presente e nas ações cotidianas dos indivíduos interdependentes na configuração social.

Fontes:

GORDON, Lincoln. Introduction. In: RAINE, Philip. **Brazil: awakening giant**. Washington, D.C.: Public Affairs Press, 1974, p. V-VII.

RAINE, Philip. **Brazil: awakening giant**. Washington, D.C.: Public Affairs Press, 1974.

Bibliografia:

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 A.

_____. **Sociedade dos Indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 B.

_____. **Introdução à Sociologia**. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

FICO, Carlos. **O grande irmão: da Operação *Brother Sam* aos anos de chumbo**. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GREEN, James N. **Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985**. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____; Abigail, JONES. Reinventando a história: Lincoln Gordon e as suas múltiplas versões de 1964. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 67-89, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. São Paulo: Unicamp, 1990.

LUKACS, John. **Uma nova República**: história dos Estados Unidos no século XX. Tradução de Vera Galante. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O anticomunismo militar. In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.). **O golpe de 1964 e o regime militar**: novas perspectivas. São Carlos – SP: EdUFSCar, 2006.

NABUCO, Joaquim. **Um estadista do Império**: Nabuco de Araújo (sua vida, suas opiniões, sua época). Tomo primeiro (1813-1857). Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma de revolução brasileira**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2010.

Notas

¹ Em 1956, ele lançou o livro **Paraguay**. Esta me parece ser uma obra que pretende fazer um apanhado histórico, me levando a acreditar na possibilidade dele também ter prestado serviços diplomáticos nesse país. Infelizmente não encontrei fontes que pudessem embasar essa ideia, ficando apenas no terreno movediço da especulação.

² Com o intuito de esclarecer possíveis dúvidas ainda existentes sobre os conceitos de configuração e interdependência, cito um exemplo criado pelo próprio Elias (2008, p. 141-142): “Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas ações são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvamo-nos perante à tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: ‘O jogo hoje a noite está muito lento!’. Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objectivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo de indivíduos interdependentes. Mostrámos que o decurso do jogo é relativamente autónomo de cada um dos jogadores individuais, dado que todos os jogadores têm aproximadamente a mesma força. Mas este decurso não tem substância, não tem ser, não tem uma existência independente dos jogadores, como poderia ser sugerido pelo termo ‘jogo’. Nem o jogo é uma ideia ou um ‘tipo ideal’, construído por um observador sociológico através da consideração do comportamento individual de cada um dos jogadores, da abstracção das características particulares que os vários jogadores têm em comum e da dedução que destas se faz de um padrão regular de comportamento individual. O ‘jogo’ não é mais abstracto do que os ‘jogadores’. O mesmo se aplica à configuração formada pelos quatro jogadores à volta de uma mesa. Se o termo ‘concreto’ tem algum significado, podemos dizer que a configuração formada pelos jogadores é tão concreta como os próprios jogadores. Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores — não só pelos seus intelectos mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser umainterdependência de aliados ou de adversários.”

³ Todas as traduções são de minha inteira responsabilidade.

⁴ O conceito de “destino manifesto” foi formulado para exprimir o sentimento de que os EUA são o povo escolhido por Deus para comandar o mundo, justificando as suas ações imperialistas. John Lukacs (2006, p. 212) traz bons exemplos dessa forma de entender o mundo: “Em novembro de 1897, o jornal *CommercialTribune* de Cincinnati, neste despacho direto do Todo-Poderoso, declarou: ‘Um poder mais alto que os dos tronos e dos ministérios decretou que a Europa tocará o segundo violino e o Tio Sam o primeiro, no comércio do mundo, e você luta contra o destino quando tenta impedi-lo’. Em 1900, o senador Albert J. Beveridge proclamou que foi Deus quem tomou ‘o povo norte-americano com Sua nação escolhida para finalmente liderar a regeneração do mundo’.”

⁵ Diz o historiador francês sobre a tirania do século, que aqui passa a ter um peso maior ainda já que amplo a formulação original para a ideia de milênio: “O primeiro século em que verdadeiramente se aplicaram o conceito e a palavra foi o século XVIII: a partir daí, esta cômoda noção abstrata ia impor a sua tirania à história. Doravante, tudo deveria entrar nesta forma artificial, como se os séculos fossem dotados de uma existência, tivessem uma unidade como se as coisas mudassem de um século ao outro. Para os historiadores, o sentido da verdadeira duração histórica teve de passar pela destruição desta dominação do século” (LE GOFF, 1990, p. 524).